

1

No momento em que viu a casa, Carla teve a impressão de reconhecê-la. Como uma casa que se viu numa gravura de um livro, num sonho, ou num quadro pequeno na semiescuridão de um museu. Há muito tempo.

Ela e Daniel tinham resolvido viver nos arredores da pequena cidade onde ele ia dar aulas de literatura inglesa, ou mesmo num lugar calmo do centro, e naquela tarde limitavam-se a dar um passeio pelos campos, sem procurar nada. Mas quando a jovem viu a casa entre as árvores com a tableta de madeira no jardim, apertou com força o braço do companheiro.

— Quero ver esta, amor.

Ele sorriu e fez o automóvel recuar até junto da entrada.

— Sabes que fica demasiado longe...

Mas Carla já descera e aproximara-se do portão baixo, de madeira. Deixou-se ficar imóvel e por instantes ele teve a impressão de que ela pertencia ali, o seu vulto esguio no vestido muito leve, o cabelo pelos ombros, o fio de prata no tornozelo delgado, os pés um pouco empoeirados nas sandálias castanhas.

A vivenda era térrea, de pedra rosada, com um alpendre coberto de ramos de lilases. O jardim não era muito gran-

de, mas os lírios azuis cresciam na terra como um manto, e num canteiro misturavam-se inúmeras flores brancas e azuis. Num dos lados, perto de um carvalho, havia uma pequena lagoa ao nível do solo, junto à qual saltitavam pássaros.

Carla saltou o portão sem qualquer esforço. O carreiro de pedrinhas miúdas tinha ervas e na terra húmida, como se os campos invadissem o jardim, cresciam beladonas, cor-de-rosa e brancas, com o seu perfume forte.

A jovem deu a volta à casa, espreitando pelas janelas o interior mergulhado na sombra. Havia um ritmo lento, leve, nos seus passos, que dava a impressão de que ela estava em transe. Mas Daniel apenas tinha consciência da sua figura delgada, dos seus gestos que amava, e deixou-se ficar à espera quando ela desapareceu num dos lados. Voltou daí a pouco, os passos mais arrastados, e sentou-se nos degraus do alpendre.

Ao vê-la assim, o olhar perdido ao longe, ele percebeu que não faria sentido procurar outra residência. Ela parecia ter estado sempre ali, com o sol a despertar-lhe o dourado das madeixas de cabelo, talvez com um livro no colo, talvez desenhando no caderno de esboços.

Foi ao seu encontro. Carla quase se sobressaltou quando o viu.

— É estranho — disse.

— O quê?

— É como se tivesse estado neste lugar antes.

Ele não lhe disse que compreendia. Preferiu deixá-la falar.

— Importavas-te... que vivêssemos aqui?

— Ainda não vimos o interior.

Ela fez um gesto de indiferença.

— É perfeito.

Daniel passou-lhe o braço pelos ombros.

— Faremos o que tu quiseres.

Tinham casado há alguns meses, quando ele terminara o curso. Mas conheciam-se desde crianças, nunca haviam passado muito tempo longe um do outro. Daniel soubera sempre que queria casar com ela, com a menina que se sentava à sua frente na escola e desenhava anjos no caderno.

Duas semanas depois estavam instalados na casa. Carla tinha razão, o interior era perfeito, o seu quarto que dava para as traseiras onde o sol entrava logo de manhã (um pequeno descampado coberto de flores de campo estendia-se por alguns metros e mais longe começava o bosque, um pouco escuro, as árvores de folhas avermelhadas), a cozinha grande, com uma porta para o exterior e uma mesa de madeira que ela cobrira com uma toalha aos quadrados, a casa de banho com azulejos azuis, a sala que dava para o jardim da frente, com os móveis de vime e as gravuras na parede, o quarto ao lado onde ela fizera o seu atelier, e se amontoavam telas, blocos, livros, e alguns dos seus objectos, vasos, estatuetas, pedras, uma bola de cristal.

E Carla parecia tão feliz... Levantava-se cedo e preparava-lhe o pequeno-almoço na cozinha, o cheiro do café fresco era mais forte que o das flores que entrava pela janela, depois ia pô-lo à porta de roupão e via-o partir no automóvel para a cidade que ficava a menos de vinte minutos. As aulas começavam às oito e meia.

Não parecia incomodá-la o facto de ficar sozinha numa casa isolada. Quando o automóvel desaparecia na curva da estrada ia tomar um duche, vestia uns jeans ou um dos seus vestidos de Verão (era o final de Setembro e o tempo estava agradável, não demasiado quente mas ensolarado, à noite fazia um pouco de frio). Depois de arrumar o quarto e a cozinha, ia para o atelier, com a janela aberta para o jardim,

por vezes passava muito tempo a olhar para a bola de cristal. Fazia anotações num caderno de capa azul.

Também terminara o curso (de Belas-Artes) poucos meses antes. Desde menina que tinha talento para desenhar, fazia ilustrações para os contos de fadas que tocavam a sua imaginação (e as personagens femininas tinham sempre o seu rosto): Thumbelina despertava ao amanhecer na pétala branca de um nenúfar; a pequena sereia no seu jardim de flores vermelhas, debaixo de um salgueiro, roçava a mão no rosto da estátua de mármore; Elisa tocava suavemente num ramo de árvore e os pirilampos caíam à sua volta como poeira de estrelas; Elisa entrava no lago em que a água era tão límpida que os reflexos das árvores e dos arbustos, brilhando ao sol ou escondidos na sombra, pareciam pintados no fundo; Elisa caminhava no cemitério onde as bruxas se sentavam nas pedras dos túmulos, e o rei, observando-a de longe, pensava que ainda no princípio da noite ela descansara a cabeça no seu peito.

Há algum tempo que esboçara um projecto, um ciclo de aguarelas, talvez com o formato de um livro (tinha por referência o *Flower Book* de Burne-Jones, não podia esquecer que o nome e a pintura deviam ter uma única alma). Em princípio as aguarelas seriam circulares, inspiradas numa bola de cristal, como imagens numa bola de cristal, e deviam contar uma história. Mas, depois de algumas tentativas, ainda não descobrira qual era a história.

À hora do almoço fazia uma refeição leve e depois ia para o jardim, trabalhava um pouco, não queria transformá-lo mas apenas deixá-lo revelar-se totalmente, libertava algumas plantas asfixiadas pelas ervas, lavara as pedras do carreiro, deitara na lagoa alguns peixes vermelhos que comprara na cidade. Duas cadeiras de vime sob o carvalho, um espanta-espíritos de bambu no alpendre, um prato de cerâm-

mica dissimulado entre os arbustos onde deitava comida aos pássaros. Não que fosse preciso fazer qualquer coisa para atrair os pássaros, eram inúmeros e ao despertar já ouvia o seu canto ensurdecedor, que se prolongava durante o dia, misturando-se com a música do espanta-espíritos, e ao entardecer...

Quando chegava a casa ao entardecer, Daniel via-a invariavelmente sentada no alpendre, com um livro ou o caderno de esboços no colo, o olhar perdido ao longe, os pés descalços na erva, a pequena corrente de prata no tornozelo delgado. Tinha a impressão de que estava ligada a tudo o que a rodeava, ela que se alimentava de sol e se alimentava de sombra, que cantava quando lhe apetecia, que vivia num estado de encantamento quase ininterrupto.

Desde o tempo da escola que a via desenhar anjos, ela dissera-lhe uma vez que o amava porque se parecia com um anjo (magro, louro, de olhos muito azuis), porque tinha o nome de um anjo.

Daniel sentava-se ao lado dela e envolvia-a com o braço, ela encostava a cabeça ao seu ombro e por vezes ficava muito tempo sem falar, o olhar perdido no jardim e nos campos, uma expressão concentrada no rosto, *como se rezasse...*

A ideia não era demasiado estranha, ela tinha tendência para adorar tudo, o sol, a lua, as folhas, as pedras. Mesmo nos quartos onde vivera quando era estudante havia sempre algo parecido com um altar, tanto podia ser um ícone religioso como uma reprodução de uma pintura de Rublev arrancada de uma revista, um círculo de pedras, um vaso com uma árvore em miniatura.

Depois iam fazer o jantar juntos, e comiam na mesa coberta com uma toalha aos quadrados vermelhos e brancos. Mais tarde sentavam-se no alpendre ou debaixo do carva-